

CIÊNCIA E TECNOLOGIA... PARA O QUÊ?

Certamente não existe nenhum país sem uma secretaria, ministério ou outra alta dependência do governo encarregada da promoção e o financiamento da ciência e a tecnologia. Paralelamente, os governantes e os legisladores discutem e estabelecem unidades orçamentárias para estes fins, as quais sempre são consideradas insuficientes pelos investigadores e por aqueles responsáveis pelo ensino superior.

A hegemonia econômica e militar dos países centrais, que em outros tempos dependia de sua disponibilidade de recursos naturais (pelo qual era essencial conquistar novos territórios), se sustenta atualmente na capacidade de desenvolver e utilizar o conhecimento científico e tecnológico. Fala-se da sociedade do conhecimento, sendo sua utilização o que determina tal hegemonia dos países centrais. Aqueles que são periféricos (ou marginais), antes chamados países em desenvolvimento ou em vias disto, têm como característica, entre outras que resultam deste fato, suas escassas capacidades de geração e utilização do conhecimento. Nesse panorama, cabe perguntar-se para que queremos ou necessitamos fomentar a ciência e a tecnologia nesses últimos países. A resposta, ou as respostas, abrangem dois âmbitos: o prático e o conceitual.

No plano prático, obviamente mais fácil, econômico e eficiente resultará a incorporação de conhecimentos e processos criados e desenvolvidos em países avançados. No entanto, a capacidade de decisão sobre a conveniência de uma ou outra incorporação, e a possibilidade de administrar os elementos importados de maneira autônoma e não de forma dependente, irá requerer de pessoal preparado capaz de levar adiante os processos e os planos de produção sem precisar da assessoria permanente do provedor e, por tanto, estar sujeito aos seus interesses.

Por outra parte, sempre haverá problemas locais ou próprios que requererem de estudos e soluções desenvolvidos

através de mecanismos endógenos, aqueles que ninguém fará por você. Estes são, por exemplo, o conhecimento e a exploração de espécies de presença e interesse local, o estudo e tratamento de enfermidades endêmicas, a história e as características próprias do comportamento social da população, seus problemas e soluções, etc.

No plano conceitual resulta evidente que, como elemento integral da cultura própria de cada sociedade, o conhecimento científico e tecnológico, e sua propagação a través do sistema educativo, requerem da formação de pessoal docente capacitado para transmitir aos estudantes a informação necessária sobre o estado da arte em suas respectivas áreas, um processo que por sua vez demanda a formação adequada desde a educação básica até a o ensino superior. Sem a capacidade de formar adequadamente aos formadores, a população não terá a possibilidade de integrar-se na sociedade do conhecimento.

Não se trata de ciência grande ou ciência pequena. Não é a respeito das tradições e saberes dos povos, que se deve conservar e aproveitar. Trata-se de assegurar que a população adquira a capacidade necessária para integrar-se plenamente na vida contemporânea e preparar-se para o futuro, de compreender assuntos como a mudança global e a importância das imunizações e da informática. Têm a ver com disfrutar os benefícios que lhe oferece a civilização e de fazê-lo com discernimento e capacidade suficiente para alcançar plenamente a autonomia reduzindo sua dependência de dominações estrangeiras. Trata-se de ciência para a independência, a autodeterminação e a capacidade de governança.

MIGUEL LAUFER
Diretor